

# CIDADES MESOPOTÂMICAS: HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES

## O mundo urbano – espaço profano e sagrado

*Katia Maria Paim Pozzer*

A antiga Mesopotâmia foi fundamentalmente uma civilização urbana. As causas da origem dos grandes centros urbanos continuam em discussão, mas hoje podemos afirmar que o principal fator foi o desenvolvimento dos templos, que exerceram um papel religioso, mas também econômico e administrativo. Segundo os próprios mesopotâmicos, as cidades eram o lugar de moradia dos deuses e possuíam três funções principais: centro político, centro de comércio e centro religioso.

Os textos mesopotâmicos sublinham a origem divina das cidades, e, ao mesmo tempo, relatam que suas realizações foram obras dos reis e seus súditos. Cada divindade do panteão possuía sua residência principal, sua cidade predileta. O deus An, uma divindade primordial e líder dos deuses, cujo nome significa “céu”, tinha um templo em Uruk. O templo de Enlil, o rei dos deuses, segundo o panteão sumério, localizava-se em Nippur, e Marduk era o deus principal da cidade de Babilônia (Black e Green, 1998).

No início do IV milênio a.C. diferentes grupos populacionais existentes na Mesopotâmia estabeleceram relações entre si, eram pastores do deserto, pescadores dos pântanos e agricultores das planícies. Eles formaram um núcleo de contato com os povos de áreas montanhosas distantes, em busca de matérias-primas inexistentes no sul da região, tais como pedra, metal e madeira. Iniciou-se, assim, um processo de diferenciação social, onde um grupo conquistou o monopólio sobre a produção da riqueza daquela sociedade. Em 3.500 a.C. surgem centros como Uruk, com uma instituição urbana fundamental - o templo, construído sob uma plataforma monumental, simbolizando visivelmente seu poder. E foi sob a responsabilidade destes templos que vários aspectos da sociedade surgiram: a escrita, o Estado, o sistema jurídico, a arte e a arquitetura, entre outros (Pozzer, 1996).

---

**Katia Maria Paim Pozzer** é professora no Curso de História da Universidade Luterana do Brasil e doutora em História pela *Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne*.

Por volta de 2.800 a.C. iniciaram-se disputas pela hegemonia política dos territórios vizinhos entre os vários centros urbanos no sul mesopotâmico. O resultado dessas guerras transformou o desenvolvimento dessas cidades: as revoltas no interior do país levaram a uma migração significativa do campo para a cidade, fazendo com que a maioria da população se tornasse urbana; maciças fortificações foram construídas para garantir a segurança destas cidades, definindo assim a diferença entre o espaço urbano e o rural e restringindo o acesso às cidades a determinados pontos, que eram os portões das muralhas. As necessidades de guerra exigiram um maior desenvolvimento da autoridade política e militar, fazendo nascer a segunda principal instituição urbana - o palácio. As cidades mesopotâmicas passaram então, a contar com dois centros de poder: um político e militar - o palácio-, e outro econômico e religioso - o templo-, um espaço profano, outro sagrado.

Contudo, é difícil fazer generalizações sobre as cidades mesopotâmicas, pois a maioria das escavações arqueológicas concentrou-se em cidades datadas da segunda metade do III milênio e do início do II milênio a.C.; somente Babilônia, que foi capital de um grande império, sofreu escavações no nível de ocupação do I milênio a.C.

### **O PAPEL DO TEMPLO E DO PALÁCIO**

A única característica arquitetônica que pode ser imediatamente localizada nas cidades do sul mesopotâmico é o templo<sup>1</sup> principal, que pode ou não estar acompanhado de um zigurate<sup>2</sup>. Os templos não eram sempre localizados no centro da cidade. Os zigurates de Isin, Sippar, Kiš e outros estão localizados junto da borda do sítio, enquanto que em Larsa, Nippur, Ur e Uruk estão assimetricamente dispostos, em uma localização periférica. Isto pode ser entendido como uma separação física entre o domínio do sagrado e do profano.

A segunda maior instituição urbana, o palácio<sup>3</sup>, é de mais difícil localização, pois não se erigiu sobre uma plataforma como o templo. Também não há evidências de que todas as cidades tenham tido palácios, ao longo dos períodos históricos, pois em momentos de centralização política, as cidades que não eram capitais não tinham reis, apenas governadores. E esta circunstância refletiu-se na arquitetura e no plano urbanístico destes lugares, ainda que nos textos não existam palavras diferentes para distinguir a residência dos governadores e a dos reis.

Os palácios mesopotâmicos não eram apenas residenciais, cerimoniais ou centros administrativos, mas, sim, um conjunto arquitetônico incluindo templos secundários, silos e oficinas de artesanato. As construções do sul mesopotâmico que se enquadram na categoria “palácio real” são todas associadas a soberanos independentes. Várias outras construções públicas que foram escavadas são ainda enigmáticas, e podem ter pertencido, total ou parcialmente, ao poder secular – rei ou governador – ou ao templo.

Nas cidades onde foi possível localizar tanto o templo principal como o palácio, os palácios encontram-se ao lado do templo, como em Larsa, ou muito afastados do centro religioso, como em Babilônia, conforme as figuras 2 e 3. Na maioria dos sítios arqueológicos mesopotâmicos, a localização dos templos e dos centros administrativos reflete um modelo de oposição, onde o paralelismo conflitivo de funções das duas instituições mais importantes da cidade está claramente simbolizado.

### **CIDADES – MORADIA DOS DEUSES**

Nos períodos de Isin-Larsa (2004-1792 a.C.) e Paleobabilônico (1792-1595 a.C.) foram construídos zigurates na maior parte das cidades mesopotâmicas e, na época Neobabilônica (626-539 a.C.) eles foram restaurados ou reconstruídos.

Analisaremos a seguir como a importância dessas construções religiosas pôde se traduzir no urbanismo mesopotâmico, através do exemplo de duas importantes cidades – Larsa e Babilônia.

#### *Larsa e o modelo urbanístico oriental*

O sítio de Larsa mede 1.750m de comprimento por 1.600m de largura, é pouco elevado (10m em média, 22m em seu cume) e recobre uma área total de 190 ha. O *tel* de Senkereh (Sinkara) se estende em uma zona atualmente desértica do Iraque meridional, a uns vinte km a leste de Uruk e uns quarenta ao norte de Ur.

O primeiro relato sobre o sítio de Larsa foi escrito por W. K. Loftus, que lá esteve e realizou uma sondagem em 1854. Em 1903, Larsa foi o objeto de uma exploração conduzida por W. Andrae, que descobriu o sítio de Kisurra no mesmo ano. A primeira escavação regular aconteceu somente em 1933, sob a direção de Parrot (1933). André Parrot, em seu relato, deplora as pilhagens que devastaram o sítio durante o ano de 1931, explicitando que infelizmente tratava-se de uma prática de lon-

ga data, como ele pode constatar de acordo com os objetos comercializados nos mercados de antiguidades.

Foi somente em 1967 que o arqueólogo francês pode retornar ao sítio e empreender novas escavações (2ª campanha em janeiro, 3ª campanha em dezembro). Em seguida, as escavações teriam uma certa regularidade, pois entre dezembro de 1969 e janeiro de 1970 houve a 4ª campanha e em outubro/dezembro de 1970 a 5ª, todas as duas empreendidas por Margueron (1980-1983), que nos descreve assim o sítio, ocupando hoje uma superfície de 190 ha:

*O tel de Senkereh (Sinkara) se estende em uma zona atualmente desértica do Iraque meridional, a uns vinte km a leste de Uruk e uns quarenta ao norte de Ur. O Eufrates corre atualmente muito mais ao sul, próximo de Ur; mas pesquisas conduzidas recentemente sobre o terreno e o estudo de textos mostram que a cidade de Larsa encontrava-se sobre a antiga rede de águas do Eufrates, que não possui nenhuma relação com o atual.*

As escavações prosseguiram sob a direção de Huot (1996), e elas produziram vários relatórios durante estes últimos anos. Os últimos resultados publicados explicam como, a partir de algumas fotografias aéreas, foi possível estabelecer um levantamento preciso da cidade de Larsa.

Sabe-se que antes do III milênio a.C. Larsa já era ocupada por populações sumérias e que depois da queda do império de Ur (2004 a.C.) uma dinastia amorrita se instalou e garantiu sua hegemonia política na região por mais de dois séculos, tendo alcançado seu apogeu durante a época chamada de Isin-Larsa (2004-1792 a.C.), até a cidade ser conquistada por Hammu-rabi de Babilônia, em 1792 a.C., num cerco que durou cerca de 6 meses e envolveu um exército de 40.000 homens. A correspondência real dos arquivos de Mari permitiu-nos conhecer alguns aspectos do fim do reinado de Rîm-Sîn de Larsa (Biro, 1993). Através desta documentação, é possível, de fato, retratar todo um processo de deterioração das relações político-diplomáticas entre este reino e o reino babilônico, um processo que engendrou uma guerra da qual Babilônia saiu vitoriosa.

Mas o sucessor de Hammu-rabi, Samsu-iluna, perdeu o controle das regiões do sul do país e, ao longo de 300 anos, Larsa não forneceu nenhuma documentação. Foi somente com a dinastia cassita, no final do século XV e metade do século XIV a.C. que tivemos novamente informações sobre a cidade. Um novo silêncio de mais de 400 anos se impôs, após um incêndio devastador ocorrido em 1047 a.C. Finalmente, vimos Larsa renascer sob a

dinastia neobabilônica. O último rei desta dinastia, Nabonida (555-539 a.C.) restaurou o zigurate e ali deixou uma inscrição (Huot, 1990, p.199):

*Nabonida, rei de Babilônia... que renova as cidades santas dos grandes deuses... sou eu! (...) Šamaš<sup>4</sup>, o grande senhor, concebeu a engenhosa idéia de elevar mais alto do que nunca havia sido o topo do zigurate... Sob a ordem de Marduk (...) os ventos se elevaram a seus quatro cantos em uma grande tempestade que soprou a areia e recobriu a cidade e este templo (...). Eu ali vi uma inscrição em nome de Hammu-rabi, rei antigo que reconstruiu para Šamaš o E.babbar<sup>5</sup> e o zigurate sobre fundações antigas... Eu recrutei trabalhadores para Šamaš (...) segurando a pá, portando a enxada (...) Eu reconstruí este templo, semelhante ao que foi outrora. Eu vi um tablete de alabastro com uma inscrição em nome de Hammu-rabi, rei antigo que se encontrava em seu interior. Eu o coloquei com uma inscrição em meu nome e os depositei para sempre.*

Depois da conquista de Babilônia por Ciro, rei persa, em 539 a.C., o santuário continuou existindo. Ainda no templo de Šamaš, foi encontrado um documento da época de Alexandre Magno. O material cerâmico permite constatar a sobrevivência da construção até fins do século II e início do século I a.C. Tal permanência, a uma data tão tardia, vem sublinhar a importância do templo de Šamaš, coração e ponto central da cidade de Larsa durante vários milênios.

A partir de algumas fotografias aéreas, foi possível estabelecer-se um levantamento preciso da cidade de Larsa. Os arqueólogos descobriram uma evidência das muralhas da cidade, as quais revelaram três quarteirões (Pozzer, 1996):

- um bairro administrativo e religioso, onde estavam situados o templo de *E.babbar* (a casa brilhante, o templo do deus-sol Šamaš), o palácio de Nûr-Adad e os conjuntos de grandes edifícios;
- um bairro residencial, onde o povoamento era mais denso e onde havia inúmeras casas no centro, enquanto que, na periferia, encontravam-se prédios de significativas dimensões;
- um bairro intermediário, abrigando, também, moradias e fornos, os quais testemunhavam uma atividade artesanal importante.

Larsa possui uma verdadeira estrutura urbana, com zonas muito distintas: um bairro administrativo e religioso, com os templos e palácios; uma zona de grandes residências na periferia, algumas com mais de

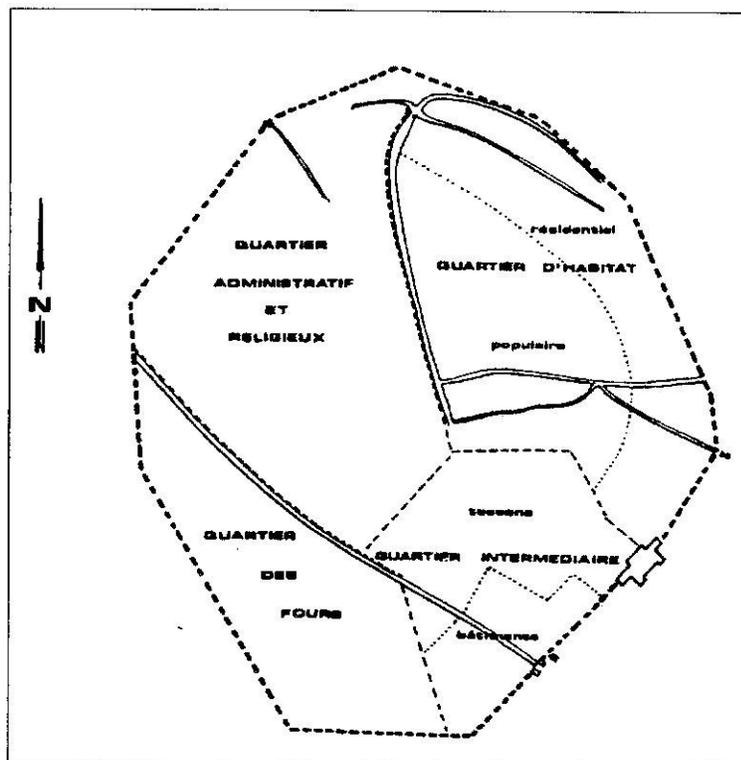
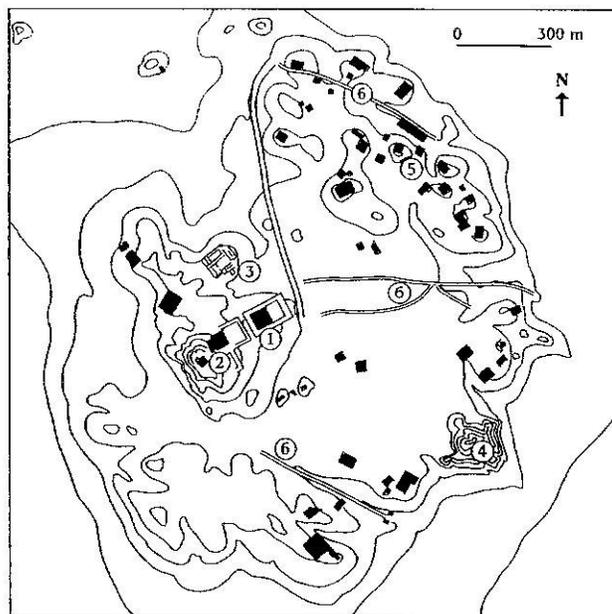


Figura 1. Plano da cidade de Larsa.  
Fonte: Huot, 1989.

500m<sup>2</sup>, tudo isso contrastando com o centro, denso e ocupado por pequenas casas; e, mais ao sul, uma zona de atividade artesanal (fig. 1).

E este modelo contrastava com o padrão urbanístico oriental até então conhecido e que tinha a cidade de Ur como paradigma. No início do II milênio a.C., Ur possuía um bairro habitacional com casas de pequenas dimensões, entre 40 e 70m<sup>2</sup>, cujas ruelas eram estreitas e sinuosas. As ruínas da cidade permitem uma reconstituição parcial de seu urbanismo (Huot, 1990, p.192):

*Os habitantes viviam à sombra dos grandes santuários. Ruas estreitas delimitavam blocos compactos de habitações cujas fachadas apresentavam apenas portas estreitas.*



**Figura 2.** Plano detalhado de Larsa.

Fonte: Huot, 1990.

*Legenda:* 1. zigurate; 2. templo de *E. babbar*; 3. palácio; 4. elevação; 5. bairro de grandes residências privadas; 6. ruas.

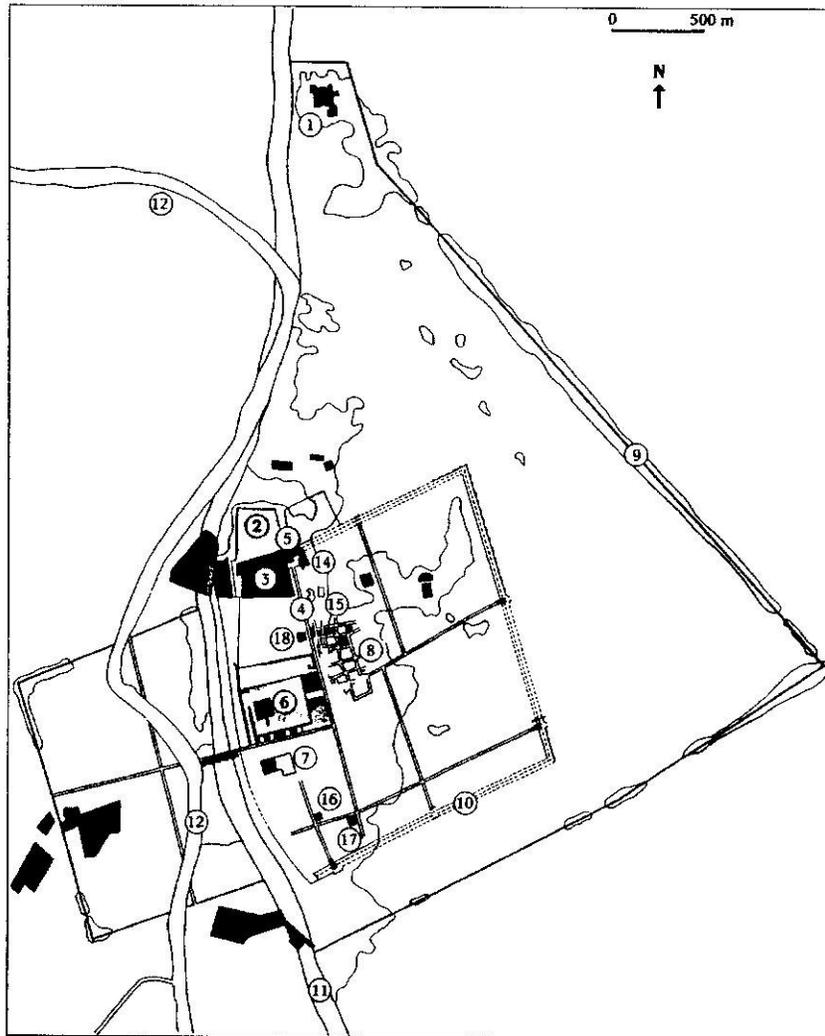
### *Babilônia, capital do mundo*

Babilônia<sup>6</sup> foi o principal pólo religioso e cultural do sul mesopotâmico e a capital do maior império do mundo oriental anterior aos persas, entre os séculos VII e VI a.C. Ela foi construída à beira do Eufrates, a cerca de 90km ao sul da atual Bagdá (Huot, 1990, p.232). A história de suas escavações pode ser resumida em:

1786 - padre Joseph de Beauchamp visita o sítio, faz uma descrição e algumas sondagens;

1807 - Claudius Rich, da Companhia das Índias, estabelece o primeiro levantamento preciso das imensas ruínas da cidade;

1899 - primeira escavação arqueológica de caráter científico é enviada à Babilônia, uma equipe alemã inicia o trabalho que iria durar até 1917. Depois disso, o canteiro só é retomado em 1978 dentro do programa de reconstrução empreendido pelas autoridades iraquianas.



**Figura 3.** Plano da cidade de Babilônia.

Fonte: Huot, 1990.

*Legenda:* 1, 2 e 3. palácios; 4. Via Processional; 5. Porta de Ištar; 6. zigurate;  
7, 14, 15, 16, 17 e 18. templos; 8. bairro de residências privadas; 9 e 10. muralhas;  
11. curso antigo do Eufrates; 12. curso atual do Eufrates; 13. aldeias modernas.

Devido a um aumento do nível da camada freática, que inundou os níveis mais antigos, hoje não se pode escavar em Babilônia mais que 1m-1,5m abaixo do nível da planície. Assim, a arqueologia não pode mais contribuir para o conhecimento da cidade, sob épocas mais antigas; é somente através de documentos escritos, encontrados em outros sítios arqueológicos, que se pode reconstituir a história desta magnífica cidade.

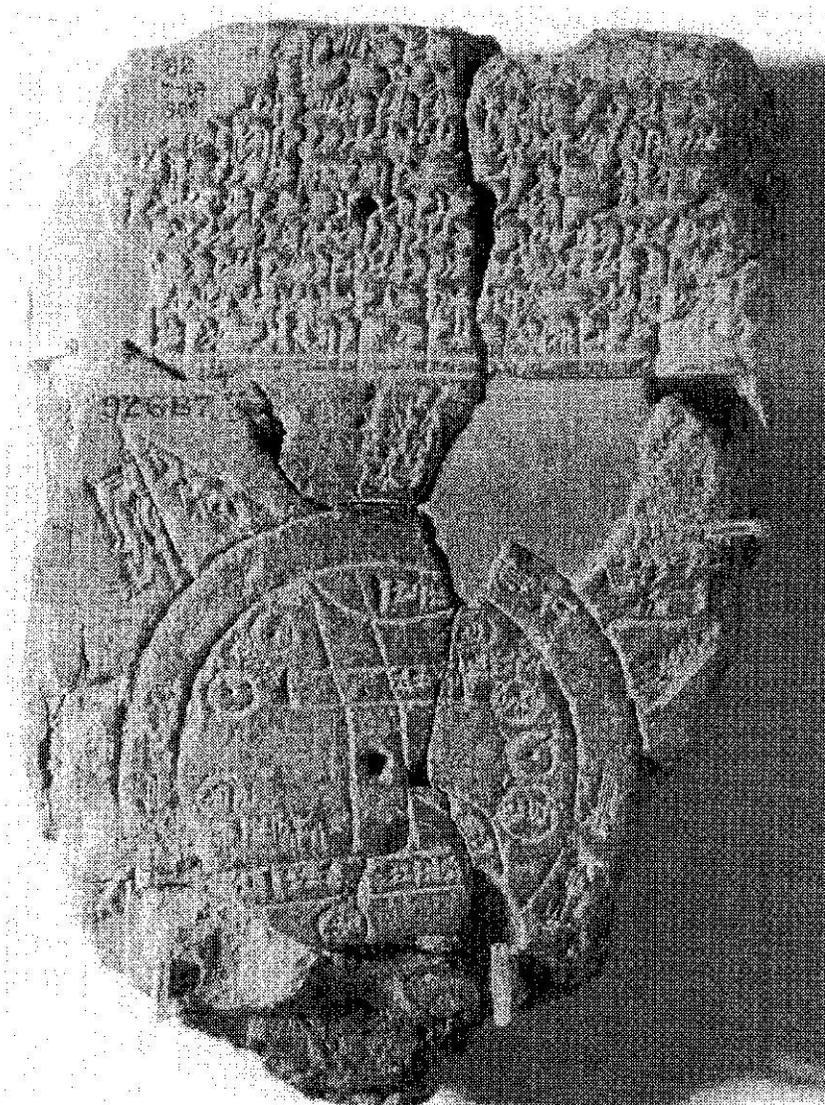
No final do III milênio a.C. Babilônia era uma cidade modesta, submetida à IIIª dinastia de Ur, mas quando as populações amorritas invadem o sul da Mesopotâmia no século XIX a.C., uma nova dinastia instala-se na cidade, sob o comando de Sumu-abum. No século XVIII a.C. a Iª dinastia de Babilônia domina a região e torna-se uma potência, sob o comando de Hammu-rabi (1792-1750 a.C.). Mas a unidade política habilmente conquistada demonstrou-se frágil ao longo de dois séculos e, em 1595 a.C., a cidade foi tomada pelos hititas, povos do norte anatólico, atual Turquia, transformando-se, então, em uma cidade de menor importância no cenário político.

Sob o domínio assírio a cidade foi parcialmente destruída e depois reconstruída, como atesta este documento, uma inscrição real de Assurbanipal, rei assírio entre 668-627 a.C. (Roaf, 2000, p.431):

*Egigunu, o zigurate de Nippur, a fundação a qual foi colocada no coração do oceano, as paredes que tornaram-se velhas e caíram em ruínas, - eu construí esta casa com tijolos cozidos e betume e completei esta construção. Com a arte do deus dos tijolos eu restaurei e fiz ele (zigurate) brilhar como o dia. Eu erigi seu topo como uma montanha e causei seu esplendor e brilho.*

A cidade conheceu um novo momento de grandiosidade sob a dinastia neobabilônica, quando tornou-se, efetivamente, a capital do mundo oriental.

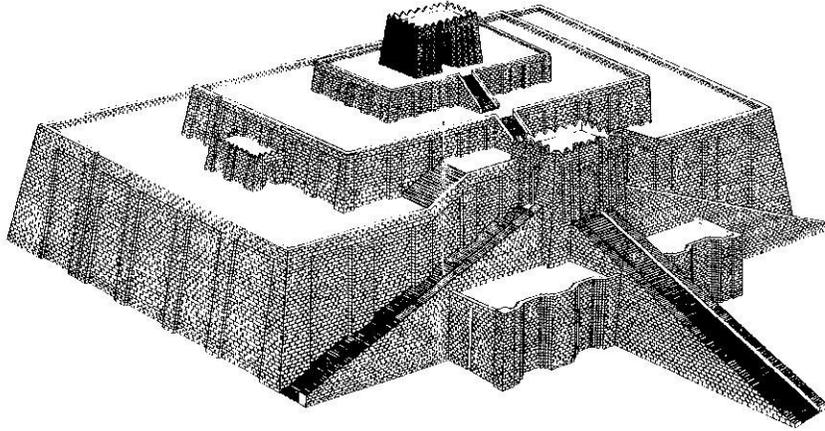
No planisfério mais antigo conhecido até hoje, um tablete neobabilônico datado do VII ou VI século a.C., Babilônia é caracterizada como centro do mundo. Nesta representação, o mundo é circular limitado por águas amargas, isto é, o oceano. No interior de um círculo, um traço vertical, o Eufrates, corre do norte em direção ao sul e um traço horizontal corta o rio: a cidade de Babilônia e em torno delas outras cidades. No exterior do círculo, triângulos simbolizam regiões míticas e ilhas distantes.



**Figura 4.** Planisfério do século VII-VI a.C.

Fonte: Walker, 1992.

O mais famoso de todos os zigurates é o de Babilônia, É.TEMEN.AN.KI (a casa da fundação do céu e da terra), e que é a inspiração para a Torre de Babel bíblica. A estrutura original foi construída por Hammu-rabi (1792-1750 a.C.) e foi restaurada por Nabucodonossor II (604-562 a.C.) rei da dinastia caldéia.



**Figura 5.** Reconstituição de Zigurate.  
Fonte: Roaf, 1991.

Da Torre de Babel subsistem apenas suas fundações construídas sobre um plano quadrado de 91 m de lado. O interior era de tijolos secos ao sol, enquanto que as paredes externas eram de tijolos cozidos, com 15 m de espessura. Ela teria atingido uma altura de no mínimo 55 m, o que necessitaria cerca de 36 milhões de tijolos para sua construção. A torre teria sete andares, sendo que os quatro andares inferiores eram pintados de branco, preto, rosa e azul respectivamente. Cada andar simbolizaria, pela sua cor, os cinco grandes planetas que os babilônicos conheciam: Saturno, Júpiter, Marte, Vênus e Mercúrio, além dos dois satélites, o Sol e a Lua (Roaf, 2000). A Torre de Babel serviria a duas funções principais: uma de caráter científico, para observação astronômica diária realizada pelos escribas e registrada em tabletas de argila e outra, de cunho religioso, pois os mesopotâmicos acreditavam que os zigurates mais altos permitiriam a descida dos deuses à terra a fim de aliviar os males e os sofrimentos dos homens (Lacambre, 1994, p.70).

Na concepção mesopotâmica, a cidade era o lugar onde residiam os deuses, e o santuário era edificado para abrigar a sua residência. Nos textos conhecidos como “lamentações” sobre as cidades destruídas, a existência das mesmas é objeto de longas discussões entre os deuses antes de decidirem o seu destino (Michalowski, 1998). Estas lamentações descrevem a destruição das cidades e de seus templos, levando as divindades a abandonarem suas cidades e, com isto ao desaparecimento dos cultos. Nelas o aniquilamento é atribuído a uma decisão tomada pelos deuses. Elas descrevem ainda a restauração das cidades, de seus templos e o retorno dos deuses.

Apoiadas em acontecimentos históricos reais, como guerras de conquista e destruição das cidades, estas composições literárias são significativas da estreita relação que havia entre a cidade e sua divindade principal e do papel do rei de mantenedor desta relação privilegiada, pois ele deveria cuidar do estado dos templos, devendo construir, restaurar e ornar as casas dos deuses, pois o templo era o coração da cidade e a razão de sua existência.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIROT, M. Correspondance des gouverneurs de Qattunân. *ARM 27*, Paris: ERC, 1993.
- BLACK, J.; GREEN, A. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. London: British Museum Press, 1998.
- HUOT, J.-L.; THALMANN, J.-P.; VALBELLE, D. *Naissance des cités*. Paris: Nathan, 1990.
- HUOT, J.-L. *Oueili – Travaux de 1987 et 1989*. Paris: ERC, 1996.
- LACAMBRE, D. La Tour de Babel et la recherche des cieux. *Les Dossiers d'Archéologie*. Dijon, n.191, 1994.
- MARGUERON, J. Larsa - Archäologisch. *RIA VI*, Berlin - New York, 1980-1983, p.500-503.
- MICHALOWSKI, P. *The Lamentation over the Destruction of Sumer and Ur*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1989.
- PARROT, A. Les Fouilles de Tello et de Senkereh-Larsa. *Revue d'Assyriologie*, n.30, 1933, p.175-182.
- POZZER, K.M.P. *Les Archives Privées de Marchands à Larsa Pendant la Deuxième Moitié du Règne de Rim-Sîn*. Paris: Tese de Doutorado, Université de Paris I – Panthéon-Sorbonne, 1996.

\_\_\_\_\_. Escritas e Escribas: o cuneiforme no antigo Oriente Próximo. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. São Paulo, vol.11/12, n.11/12, 1998-1999, p.61-80.

ROAF, M. *Atlas de la Mésopotamie*. Paris: Brepols, 1991.

\_\_\_\_\_. Palaces and temples in Ancient Mesopotamia. In: SASSON, J. (edítor). *Civilizations of the Ancient Near East*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2000, p.423-441.

WALKER, C.B.F. Les sciences et les techniques. In: HROUDA, B. *L'Orient ancien*. Paris: France Loisirs, 1992.

WESTENHOLZ, J.G. Lieu de création des grands dieux. *Les Dossiers d'Archéologie*. Dijon, n.210, 1995.

### NOTAS

1. Templo em sumério é É.KUR, em acádico *ekurru*, cuja tradução literal é «a casa da montanha».
2. Zíurate é uma construção em forma de pirâmide escalonada em cujo topo era construído um templo.
3. Palácio em sumério é É.GAL, em acádico *ekallum*, cuja tradução literal é «a casa grande», aquela que abriga o LUGAL, o homem grande, o rei.
4. Šamaš, o deus-sol, era o protetor da cidade de Larsa.
5. *E.babbar* significa “a casa branca”, fazendo, sem dúvida, alusão à cor da construção.
6. Bâb-ilim significa, literalmente «a porta de deus».